

Leiam, mulheres. A literatura precisa de vocês



Ian McEwan, que concorria com "Na Praia" e Lloyd Jones, que estava na disputa com "O Sr. Pip".

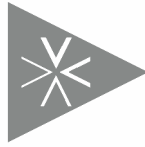
Consagrado internacionalmente à mulher pela ONU, no ano de 1975, o **8 de março** representa um marco no movimento feminino para adquirir direitos iguais ou semelhantes ao dos homens nos planos político, jurídico, trabalhista e civil. Mas, mais do que discorrer sobre a data comemorativa, vale a pena aproveitá-la para conhecer o papel da mulher na literatura.

Um grande caminho foi percorrido desde o século XIX, época em que a literatura era considerada "coisa para homem", até o ano de 2007, quando duas mulheres venceram dois dos maiores prêmios da literatura mundial: Dóris Lessing, escritora inglesa, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura e Anne Enright, escritora irlandesa, com seu romance "The Gathering" (O encontro), conseguiu bater dois favoritos ao Booker Prize, o mais prestigioso do Reino Unido: o já premiado

O Sistema de Bibliotecas Vera Cruz comemora esta data de várias formas:

1. Inserimos três artigos que abordam a presença feminina na literatura: a mulher leitora, a mulher personagem e a mulher escritora; as nossas precursoras (clcando em um dos itens abaixo você poderá ir diretamente ao texto).

- **Leiam, mulheres. A literatura precisa de vocês - seu autor, Moacir Scliar destaca a importância vital da mulher para o futuro da literatura e o escritor Ian McEwan afirma "Se as mulheres pararem de ler a ficção acaba". Saiba porque.**
- **Imagens distorcidas - Rachel Rimas, da revista Ciência Hoje, traça perfil da representação da mulher na literatura brasileira contemporânea.**
- **Adoráveis Mulheres - a jornalista Marilene Felinto aborda o lançamento da publicação Álbum de Leitura: memórias de vida, história de leitoras, de autoria de Lilian de Lacerda, já presente no nosso acervo.**



2. Nesta data divulgamos, para todo o pessoal do Vera, a relação dos novos livros já inseridos e disponibilizados pelo Gabinete de Leitura no ano de 2008 (clique aqui para ir diretamente às novidades).

Entre em contato conosco. Pode ser pessoalmente, pelo correio eletrônico ou pelo telefone. Você pode também pedir para a bibliotecária da sua unidade. Estamos atualmente com cerca de 1000 títulos de literatura à sua disposição.

Boa leitura!

Leiam, mulheres. A literatura precisa de vocês

Moacir Scliar

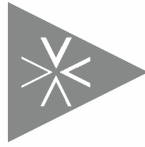


Em 1979, foi publicado nos Estados Unidos um livro com o curioso título de *The madWoman in the attic* (A louca no sótão).

Nele as autoras Sandra Gilbert e Susan Gubar estudavam escritoras do século 19 (Jane Austen, Mary Shelley, as irmãs Brontë, Emily Dickinson) que haviam construído obras respeitáveis, apesar do preconceito então vigente, segundo o qual **fazer literatura era coisa para homem**. Mais ou menos como a culinária: as mulheres podiam, e deviam, se encarregar da cozinha, isto é, do trivial, mas a verdadeira culinária ficaria a cargo dos chefs homens. Mulher podia escrever, mas só à noite, depois de cumpridas as obrigações domésticas;

aí, se quisesse, ela se refugiaria no sótão e ficaria rabiscando seus delírios.

Esta era uma idéia muito disseminada, inclusive no Brasil, como mostra Alberto Venancio Filho num artigo recentemente publicado na revista da Academia Brasileira de Letras. Esta instituição durante muito tempo recusou mulheres, apesar da admiração de seu fundador, Machado de Assis, por várias escritoras. Para o acadêmico Carlos de Laet, isto era um atraso de "muitos séculos" e correspondia ao modelo da Academia francesa, adotado no Brasil e apoiado numa duvidosa interpretação do regulamento da ABL, segundo o qual podiam entrar na instituição todos os "brasileiros" autores de livros. Mas, para os machistas da época, a expressão "brasileiros" só se referia a homens (é por isso que nos discursos políticos começou a aparecer, há alguns anos, a expressão "brasileiros e brasileiras"). A situação finalmente se definiu quando,



em 1977, a escritora Rachel de Queiroz foi eleita para a Academia. Depois dela vieram Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon, Zélia Gattai e Ana Maria Machado, um time de primeira linha.

O mundo mudou, e a literatura mudou também. A carreira exitosa de Isabel Allende (e de Lya Luft, no Brasil) mostram que escrever não é mais coisa só de homem e que o território literário da mulher não se restringe ao sótão - aliás, sótão nem existe mais, substituído que foi (ao menos nos apartamentos) pelas coberturas. **E o número de leitoras ultrapassa em muito o de leitores.** Na Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, elas representam 80% do público de ficção, o que levou o romancista britânico Ian McEwan a dizer: **"Se as mulheres pararem de ler, a ficção acaba"**. Escritores e editores continuam sendo, em sua maioria, homens; mas cada vez mais eles dependem das mulheres. E não pensem que as leitoras se restringem aos temas chamados femininos, representados pelos lacrimosos romances de outrora. Para dar dois exemplos apenas, ambos dos Estados Unidos: **nos livros de mistério/crime, as mulheres representam 86% dos leitores; nos de espionagem, 70%**. As editoras até tentam estimular os leitores masculinos. A Penguin, da Inglaterra, lançou uma campanha: qualquer leitor que for encontrado, na rua, em casa ou no escritório, com um livro da editora, ganhará mil libras. Lema (meio safado) da campanha: "O que as mulheres querem é um homem com um pingüim (Penguin)".

Agora: quando se trata de livros sobre negócios, os homens lêem mais do que as mulheres. E isto pode explicar a pouca difusão do romance no público masculino. Vivemos numa sociedade competitiva, uma sociedade que está atrás do dinheiro, do poder, da glória, e o ficcionista não é exatamente um modelo válido para esta sociedade. Grandes romancistas conseguiram transformar a ficção em arte, mas arte não é coisa que possa ser cotada na Bolsa de Valores, por exemplo. Não por outra razão o poderoso New York Times resolveu diminuir drasticamente o espaço para livros de ficção. Disse o editor Bill Keller: "As idéias que importam hoje estão nos livros não-ficcionais". Continuem lendo, mulheres. O futuro da literatura depende de vocês.

Volta

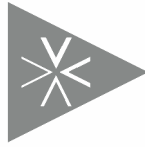
Imagens distorcidas

Estudo traça perfil da representação da mulher na literatura brasileira contemporânea.

Artigo publicado na revista Ciência Hoje, de fevereiro de 2008, de autoria de Rachel Rimas.

A literatura brasileira atual reflete as características machistas ainda muito presentes na nossa sociedade. Uma análise da construção da imagem da mulher em romances publicados por três grandes editoras do Brasil mostra que o sexo feminino é constantemente sub-representado ou estereotipado nos livros escritos por homens. O estudo, feito por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB), constata ainda que as mulheres são minoria entre os escritores.

Ao todo, foram avaliados 258 romances publicados pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco no período de 1990 a 2004. Para uma análise mais detalhada das obras, os pesquisadores traçaram o perfil físico e psicológico das personagens e identificaram sexo, nível social, profissão, etnia, religião e posições políticas, entre outras características.



O estudo, coordenado pela professora Regina Dalcastagné, do Instituto de Letras da UnB, revelou que **apenas 30% dos livros analisados foram escritos por mulheres**, o que

evidencia a predominância masculina na literatura. **Isso faz com que os problemas femininos sejam abordados sob uma perspectiva diferente, alinhada com as experiências de vida dos homens.**

A menor presença das mulheres entre os escritores se reflete também em uma menor visibilidade do sexo feminino nas obras. A pesquisa, que contou com a participação de 15 alunos de graduação do Instituto de Letras da UnB, mostrou que **menos de 40% das personagens eram do sexo feminino.**

“Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres também têm menos acesso à voz, isto é, à posição de narradoras, e estão menos presentes como protagonistas das histórias”, acrescenta Dalcastagné. Segundo ela, **o espaço conquistado pelas mulheres após o movimento feminista pode ter desestimulado os homens a retratarem uma realidade que não é sua.**

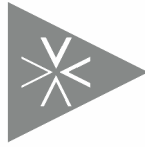
Os romances escritos por homens diferem significativamente daqueles escritos por mulheres, principalmente quanto à representação feminina. Para avaliar o perfil de cada personagem, elas foram divididas em brancas e não-brancas, pois a etnia é considerada um fator determinante para a caracterização física e psicológica.

Do total de 1.245 personagens femininas analisadas, 94% eram mulheres brancas. **Em narrativas de autoria feminina, as mulheres são representadas em diferentes faixas etárias, da infância à velhice. Elas são mais independentes, têm formação superior e sua principal característica é a inteligência. Já as personagens femininas das obras escritas por homens são em sua maioria jovens e adultas e têm como principal atrativo a beleza.** Nesses romances, as mulheres também são menos escolarizadas e dominam menos a norma culta da língua.

O estudo mostrou que as mulheres costumam construir representações femininas mais complexas e plurais, em que suas personagens têm diferentes experiências de vida e geralmente estão insatisfeitas com alguma situação pessoal ou profissional em que se encontram.

“Nas narrativas masculinas, as mulheres em sua maioria são representadas como donas-de-casa dependentes econômica e psicologicamente de seus maridos, satisfeitas com sua pacata vida, enquanto os homens aparecem como indivíduos independentes e com interesses diversos, além de mais conectados com a realidade à sua volta e com outras pessoas”, analisa Dalcastagné.

A pesquisadora destaca ainda que o perfil das personagens revela uma desproporção étnica. Apenas 6% das personagens analisadas eram mulheres não-brancas e somente uma negra desempenhava o papel de narradora. “Esses números são congruentes com o perfil do escritor e da escritora brasileiros, que são, em sua quase totalidade, brancos”, justifica. Ela afirma que, na maioria dos romances, a representação dos negros é perversa. “Homens negros geralmente são



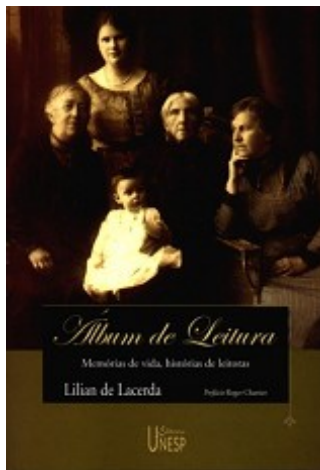
retratados como bandidos e mulheres como empregadas.”

Em relação a assuntos polêmicos, como aborto, homossexualismo, problemas com fertilidade e violência doméstica, Dalcastagné conta que eles pouco apareceram nos romances analisados. “Esses temas são igualmente silenciados tanto por homens como por mulheres”, ressalta.

Volta

Adoráveis Mulheres

Marilene Felinto

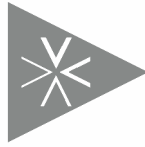


Doze mulheres nascidas entre 1843 e 1916 lembram épocas e passagens de suas vidas e colocam tais lembranças em cadernos e folhas. Estas páginas se tornam livros, alguns de escritoras por profissão outros publicados graças ao interesse, homenagem e saudade de filhos e netos.

Mapear a história das leituras destas mulheres, excluídas privilegiadas em um tempo em que o acesso às obras literárias, jornais e revistas eram quase exclusividade do universo masculino, é o que faz Lilian de Lacerda em **Álbum de Leitura: memórias de vida, história de leitoras** onde é traçado um perfil social e de leituras de cada uma destas doze mulheres.

O que liam, influências que recebiam das mães, pais e outros membros da família, dificuldade, limitações e proibição de suas leituras e um pouco de suas próprias histórias de vida. Em comum todas têm a paixão pela leitura e obras como memorialistas, ou seja, escreveram elas mesmas suas memórias e as publicaram, sem a pena salvadora de escritores e jornalistas para filtrar os “grandes feitos” de “grandes personagens” com uma carteira recheada.

Duas destas mulheres são memorialistas-escritoras, Maria Helena Cardoso (Por onde andou meu coração) e Zélia Gattai * (Anarquistas, graças a Deus). Outras cinco se inserem na classificação de escritoras-memorialistas. É o caso de Ana Ribeiro de Goes Bittencourt (Longos serões do Campo), Carolina Nabuco * (Oito décadas), Hemengarda Leme Leite Takeshita (Um grito de liberdade: uma família paulista no fim da belle-époque), Maria José Dupré * (Os caminhos), Maria de Lourdes Teixeira (A carruagem alada). As últimas cinco tiveram suas experiências com as letras centralizadas nas memórias de suas próprias vidas. Maria da Glória Quartim de Moraes (Reminiscências de uma velha), Maria Eugênia Torres Ribeiro de Castro (Reminiscência), Adélia Pinto (Um livro sem título: memórias de uma provinciana), Maria Isabel Silveira (Isabel



quis Valdomiro) e Laura Oliveira Rodrigo Octávio * (Elos de uma corrente: seguidos de outros elos).

Conquistar o direito à alfabetização, escolarização, profissionalização e participação na vida pública foi uma dura batalha para a mulher. De certa forma cada uma destas doze mulheres estabeleceram seus nichos de resistência e de rebeldia, mesmo inseridas e cooptadas pelo sistema patriarcal e machista da sociedade brasileira do século XIX e início do XX. É uma resistência passiva, quase imperceptível, mas presente em suas vidas e histórias, não importa a região e histórico sócio-cultural a que pertencia cada uma delas.

O romance era o carro chefe entre suas leituras e as rodas de leituras entre grupos de mulheres também tinham sua importância para preencher com um pouco de fantasia e ficção a vida das mulheres daquela época, em que não existia televisão e o cinema era apenas uma idéia na cabeça de um francês maluco. Contrabando para elas era a oportunidade de novos, maravilhosos e proibidos livros.

Valia tudo para ler. Empréstimos, apropriações, invasões furtivas por buracos no telhado. Lilian mostra que as mulheres que viveram entre meados do século XIX e início do século XX não eram tão caseiras e domésticas quanto os machões da época imaginavam.

O feminismo ainda era uma ilusão para a maioria delas, mas a literatura já servia de portal para um mundo novo, diferente, um enriquecimento cultural e social para um universo que os maridos e pais tentavam manter restritos à cozinha, salas de pintura e bordado e afazeres domésticos. Como disse Antoine Compagnon, a literatura serve para ensinar com prazer e pode estar tanto em acordo como em desacordo com a sociedade e, completando com Antonio Candido, o homem precisa de ficção e fantasia e a literatura é um fornecedor básico destes ingredientes.

**As autoras sublinhadas fazem parte do acervo do Sistema de Bibliotecas Vera Cruz.*

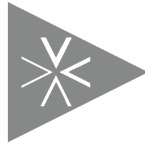
Ilustrações utilizadas nesta Notícia: *Jovem mulher com um livro, de Aleksandr Aleksandrovich Deineka, Woman reading, de Sally Rosenbaum e O Cambista e sua esposa, de Quentin Metsys.*

Volta

Novidades do Gabinete de Leitura

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura:** memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: UNESP, 2003. 504 p., il.

A autora percorre a história de vida e de leitura de um grupo de escritoras brasileiras nascidas entre 1843 e 1916. A literatura feminina e autobiográfica dessas mulheres é a base para identificar os seus percursos. Conquistar o direito à alfabetização, escolarização, profissionalização e participação na vida pública foi uma dura batalha para a mulher. Para conhecer a fundo esse universo, este livro se debruça sobre doze depoimentos produzidos por escritoras nascidas entre 1843 e 1916, vivendo em várias



regiões do Brasil e com diferentes experiências socioculturais, como Carolina Nabuco, Maria José Dupré e Zélia Gattai, entre outras.

A história da constituição dessas e de outras mulheres, como leitoras e produtoras de textos, é constituída pela autora, que investiga as numerosas dificuldades que elas enfrentaram para construir o seu repertório cultural e para escrever a própria trajetória. O livro enfoca a literatura feminina e autobiográfica para identificar o percurso dessas mulheres. Graças aos retratos de vida e de leitura de cada memorialista investigada, a obra reconstitui as condições, situações, pessoas e contextos que influenciaram a formação das leitoras nos espaços intra e extradomésticos.

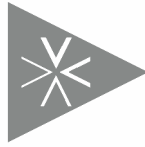
VILLAS, Alberto. **Afinal, o que viemos fazer em Paris?** São Paulo: Globo, 2007. 344 p., il.

"*Afinal, o que viemos fazer em Paris?*" conta as memórias do exílio voluntário do jornalista Alberto Villas na capital francesa nos anos 70, onde descreve suas experiências em textos curtos ao ritmo da memória e do sentimento.

Villas dividiu seu livro em quatro partes. A primeira conta as impressões de Paris - os amigos, os trabalhos de imigrante (e depois, já como jornalista), os dias gelados, o nascimento dos filhos, as viagens pela Europa e pelo mundo árabe que fez nesse período. A segunda parte está recheada de memórias da infância e da adolescência em Belo Horizonte, com os almoços dominicais em família, os modismos e os costumes que mostram com muito colorido como foi o cotidiano daquele tempo. Em seguida, o autor faz um verdadeiro balanço sentimental da música brasileira ouvida no exílio: os discos e fitas eram esperados ansiosamente, e a cada novo Chico Buarque, Caetano, Alceu Valença, Maria Bethânia ou João Bosco, Paris se tornava um pouco mais tropical. Por fim, na última parte, Villas oferece as anotações de diário e os fragmentos de cartas trocadas com amigos. É uma maneira de trazer ao leitor a palavra viva daquele período.

AMARAL, Maria Adelaide. **Aos meus amigos**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2008. 336 p.

"*Aos meus amigos*" tem como tema central a amizade. A amizade, porém, se aqui rima com fraternidade e solidariedade, não rima necessariamente com felicidade. A história do romance, baseada em fatos reais da vida da autora, se articula em torno de um leito de morte. Na verdade, de um leito de suicídio, o do escritor e publicitário Leo. É o seu suicídio que, no agitado ano de 1989, mobilizará a retomada da "velha turma", que vivera intensamente os ideais da esquerda nos anos da ditadura militar brasileira (1964-1985). Um reencontro feito também de desencontros, inclusive políticos. Após o suicídio de Leo, seus amigos reúnem-se para velar o corpo e tentar manter viva sua memória, enquanto procuram os originais de um livro que teria deixado.



LESSING, Doris. **As avós**. Traduzido por Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 98 p.

"As avós" é a história da vida de duas amigas, Roz e Lil, da infância ao início da velhice, passando pela relação com maridos, filhos, noras e netas. Há muitas peripécias e reviravoltas nesse caminho: a aparente tranqüilidade inicial, situada num balneário freqüentado por ricos, até a cena derradeira, quando um segredo terrível do passado vem a público.

Temas como a amizade, maternidade e sexualidade ganham novos contornos enquanto Doris Lessing esmiúça as complexidades e armadilhas da forte ligação entre essas duas mulheres, e retrata a força com que elas confrontam as convenções familiares e sociais de sua época.

CONY, Carlos Heitor; LEE, Anna. **O beijo da morte**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 284 p.

Um homem obcecado pelo mistério das mortes de Juscelino Kubitschek, João Goulart e Carlos Lacerda - teriam sido eles, os líderes da Frente Ampla, assassinados por uma conspiração política internacional? Para o Repórter, protagonista deste livro, é preciso desvendar a sucessão de casos obscuros da história. Em que circunstâncias morreram? Como as mortes ocorreram num espaço de tempo tão curto (entre setembro de 1976 e maio de 1977) - quando os militares estavam no poder, os três políticos poderiam aglutinar as forças da oposição?

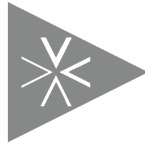
"O beijo da morte" é uma mistura de reportagem, depoimento e ficção - um livro em que a experiência real dos autores se funde com a trajetória do personagem inventado.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Berenice procura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 174 p.

Um menino de dois anos brinca com uma pazinha na praia de Copacabana até que encontra um corpo enterrado.

Perto dali, a taxista Berenice chega ao seu ponto de taxi. Antes de receber o primeiro passageiro do dia, fica sabendo do assassinato de um travesti. Interessada no episódio, procura manter-se informada das descobertas da polícia. Cansada de ser apenas uma "caixa de ressonância da cidade", um vazio onde as vozes dos passageiros ecoam, trazendo opiniões que entram e saem sem deixar nada, Berenice se envolve emocionalmente com o caso.

PUIG, Manuel. **Boquinhos pintadas**. Traduzido por Joel Silveira. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. 238 p.



"Boquinhos Pintadas", segundo romance do escritor argentino Manuel Puig, publicado em 1969, é uma crítica contundente à classe média argentina, tendo como centro o drama de um jovem tuberculoso e suas relações com a sociedade que o via morrer. Neste livro, o autor confessou que buscava criar uma nova forma de literatura popular baseada no velho folhetim, aquele que era distribuído antigamente de casa em casa.

OATES, Joyce Carol. **As cataratas**. Traduzido por Luiz Antônio Aguiar. São Paulo: Globo, 2006. 482 p.

Numa manhã de junho de 1950, Gilbert invade o espaço de visitação das Cataratas do Niágara e atordoado, como num transe, sobe na amurada e se joga nas turbulentas águas antes que alguém possa impedi-lo. Havia se casado no dia anterior, e abandonara a noiva ainda dormindo, na suíte nupcial do Grande Hotel Rainbow, com um enigmático bilhete de despedida. Com 29 anos, solitária, era a filha solteirona de um reverendo presbiteriano respeitado. Havia finalmente se casado, depois de ter perdido as esperanças. Tem certeza; é uma mulher amaldiçoada. É a partir desse ponto que Joyce Carol Oates constrói uma fascinante saga de amor, sofrimento e redenção.

NAHAI, Gina B. **Chuva dourada**. Traduzido por Mauro Pinheiro. São Paulo: Geração Editorial, 2007. 336 p.

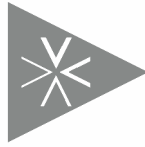
A iraniana Gina B. Nahai conta em detalhes angustiantes a vida infeliz de um casal de judeus - ele rico, ela pobre - em Teerã, dez anos antes da revolução islâmica. A história é narrada pela filha de 11 anos do casal, Yaas. É um casamento marcado pela falta de amor e pelo machismo.

Ao mesmo tempo um exame cultural de uma sociedade ainda estranha para nós e um estudo psicológico dos efeitos da perda, "Chuva dourada" nos conduz por um mundo trágico e fascinante de uma garota destemida lutando contra obstáculos intransponíveis.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Traduzido por Waldéa Pereira Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 128 p. (Arco do tempo).

Depois do clássico "Mulheres que correm com lobos", a poetisa e psicanalista americana Clarissa Pinkola Estés oferece agora um texto sobre a grandeza e a sabedoria da terceira idade.

"A ciranda das mulheres sábias" reverencia a maturidade feminina, em linguagem metafórica, como nas antigas histórias passadas de mães para filhas. Destaque para a análise da representação simbólica das avós, das matriarcas da mitologia ou dos contos de fadas. Clarissa destaca ainda avós anônimas de suas vivências profissionais, até chegar às avós de suas tradições familiares.



SANTOS, José Rodrigues dos. **O códex 632**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 518 p.

Tomás Noronha, professor de História da Universidade Nova de Lisboa e perito em criptanálise e línguas antigas, é contratado para decodificar uma estranha cifra: MOLOC NINNUNDIA OMASTOOS. À medida que vai investigando, o professor Noronha vai entrando num estranho labirinto de mistérios, enigmas, mitos e segredos escondidos, que vão muito além da sua imaginação, lançando-o sem querer na pista do mais bem guardado segredo dos Descobrimentos: a verdadeira identidade e missão de Cristóvão Colombo. O códex 632 (que existe), é uma história que nos leva através do tempo e da imaginação numa aventura repleta de mistério e de pistas misteriosas.

LANOT, Frank et al. **Dicionário de cultura literária**: 100 citações e 100 personagens célebres. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007. 432 p.

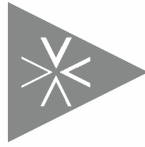
Ao encontrarmos, em livros, revistas e jornais, menções a personagens como Ulisses, d'Artagnan, Don Juan, Robinson Crusoe, às vezes nos damos conta de que, embora conheçamos um pouco de suas histórias, nada ou praticamente nada sabemos sobre suas origens. Por que ainda são importantes esses nomes e as imagens que se construíram em relação a suas naturezas e destinos? Em que medida sua carga simbólica faz sentido para o leitor contemporâneo? Este "Dicionário de Cultura Literária", assinado por importantes professores universitários franceses, foi concebido com dois objetivos. Primeiro: descrever de modo sucinto uma centena de personagens pertencentes a várias literaturas, explicar sua natureza e comentar as obras em que aparecem. Segundo: mostrar as origens e explicar o significado de 100 famosas citações extraídas de poemas, fábulas, contos, romances ou textos teatrais.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Lazuli, 2007. 288 p., il. (Lazuli clássicos).

O solitário Bentinho relembra sua vida e o seu amor pela bela e intrigante Capitu - um dos maiores personagens da literatura brasileira. E partilha com o leitor o ciúme e a desconfiança que encheram de amargor a sua vida...

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 520 p., il.

Esta é mais que uma biografia. É um livro cheio de revelações até para os que julgavam conhecer Garrincha. Para os brasileiros de hoje, que só conhecem o seu mito, "Estrela solitária" será lido como um romance de paixão e desventura, tendo como cenário o Rio e o Brasil dos anos 50 e 60. Só que os personagens e os fatos são reais. Para descrever



essa trajetória, Ruy Castro fez mais de 500 entrevistas com 170 pessoas. Garrincha renasce em "Estrela solitária" como um herói - um herói tragicamente humano.

DICKENS, Charles. **Grandes esperanças**. Traduzido por Daniel R. Lehman. São Paulo: Martin Claret, 2006. 534 p. (A obra-prima de cada autor).

Em 1861 Dickens publicou o mais equilibrado de seus romances: "Grandes esperanças". A obra foi inspirada em sua experiência amorosa com a atriz Ellen Ternan, com a qual rapidamente se decepcionou. "Grandes esperanças" é uma de suas obras-primas. Dickens acreditava, como todo inglês médio da época, na imutabilidade da hierarquia social e condensou no destino de Pip - principal personagem da obra - sua própria experiência: os perigos de uma ascensão social demasiado rápida.

ROTH, Philip. **Homem comum**. Traduzido por Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 132 p.

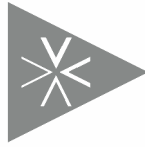
Numa narrativa direta, íntima e ao mesmo tempo universal, Philip Roth explora o tema da perda, do arrependimento e do estoicismo. O autor volta sua atenção para a luta de um homem contra a mortalidade, conflito que dura sua vida inteira. Acompanhamos o destino do homem comum de Roth a partir de seu primeiro confronto com a morte, nas praias idílicas dos verões da infância, passando pelos conflitos familiares e pelas realizações profissionais da idade adulta, até a velhice, quando ele fica dilacerado ao constatar a deterioração de seus contemporâneos e dele próprio, atormentado por uma série de males físicos.

DELILLO, Don. **Homem em queda**. Traduzido por Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 256 p.

A catástrofe já rondava os romances anteriores de Don DeLillo, um dos mais importantes autores americanos contemporâneos. "Homem em queda" tem como partida uma catástrofe real: os atentados de 11 de setembro de 2001. No início do livro, o advogado Keith caminha, desorientado, pelas ruas de Nova York, depois de escapar do World Trade Center instantes antes de as torres desabarem. Ele vai buscar abrigo na casa de Lianne, sua ex-mulher. DeLillo retrata a tragédia de uma perspectiva familiar, intimista - mas nem por isso menos perturbadora.

COETZEE, J. M. **Homem lento**. Traduzido por José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 278 p.

Quando o fotógrafo Paul Rayment, homem de sessenta anos, perde a perna em um acidente de bicicleta, sua vida solitária é irremediavelmente transformada. Em meio a crises de desesperança e resignação surge Marijana, uma prática e objetiva enfermeira croata por quem ele se apaixona. Enquanto Paul pondera como conquistar o coração



dela, recebe a visita da misteriosa escritora Elizabeth Costello, personagem de outros dois livros de Coetzee, que desafia Paul a assumir um papel ativo na própria vida. Em "Homem lento", J. M. Coetzee nos oferece uma profunda meditação sobre o que nos torna humanos e sobre o que significa envelhecer. A luta de Rayment com sua própria humanidade é apresentada na voz de um dos maiores escritores da atualidade, e o resultado é uma história comovente sobre amor, sexo, mortalidade e literatura.

BORGES, Jorge Luis. **O livro dos seres imaginários**. Colaboração de Margarita Guerrero; traduzido por Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 222 p.

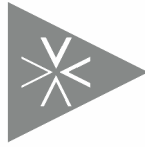
Jorge Luis Borges escreveu o "Manual de zoologia fantástica" em 1957. Nas edições de 1967 e 1969 o elenco de seres foi ampliado e o livro recebeu seu título definitivo: "O livro dos seres imaginários". Trata-se de um besteiário fantástico que, como aconselha Borges no prólogo, deve ser lido "como quem brinca com formas cambiantes reveladas por um caleidoscópio". Nessa brincadeira, ele faz uma homenagem à imaginação infinita dos homens, capaz de criar os seres mais curiosos e absurdos como sereias, unicórnios, centauros, hidras e dragões - e eventualmente acreditar neles.

JORGE, Fernando. **As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont**. 5. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2007. 362 p., il.

"As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont" é uma completa biografia do inventor do avião. Para contar a vida de Santos Dumont (1873-1932), Fernando Jorge leu extensa bibliografia em vários idiomas. Homem simples que criava patos, andava de canoa, gostava de flores e ao mesmo tempo inventivo, incansável, o pioneiro Santos Dumont foi admirado, mas não deixou de enfrentar a inveja de contemporâneos. O volume traz um caderno de fotos históricas e um índice onomástico.

ATWOOD, Margaret. **Madame Oráculo**. Traduzido por Léa S. Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 320 p.

"Madame Oráculo" conta a história de Joan Foster, uma autora de romances góticos que utiliza o pseudônimo Louisa K. Delacourt. Nem mesmo seu marido, o enfadonho Arthur, desconfia de sua dupla identidade. "Madame Oráculo" começa com Joan Foster tramando sua própria morte, abrindo a possibilidade de uma nova vida e de criar uma nova biografia, em outro país, mais precisamente na Itália. Sua tarefa agora é a de reescrever a personagem que ela viveu nas últimas três décadas: a criança obesa, a jovem que perdeu a virgindade com um escritor polonês de quinta categoria e o casamento com Arthur, que apresenta características do típico maníaco-depressivo. Um ícone cultural de seu país, Atwood criou em "Madame Oráculo" um livro inventivo mas ao mesmo tempo extremamente divertido.



ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2001. 308 p., il. (Clássicos para o vestibular).

Com "Memórias póstumas de Brás Cubas", publicado em 1881, Machado de Assis inaugura o realismo nas letras brasileiras. A partir dessa obra ele se revela um arguto observador e analista psicológico dos personagens.

O ritmo da obra é lento, com várias digressões e narrado de maneira irreverente e irônica por um "defunto autor". Brás Cubas, por estar morto, se exime de qualquer compromisso com a sociedade, estando livre para criticá-la e revelar as hipocrisias e vaidades das pessoas com quem conviveu.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 312 p.

Um mergulho na intimidade de uma autora que fascina gerações e gerações de leitores. O livro "Minhas queridas" traz a correspondência - 120 cartas inéditas - trocada entre Clarice e suas irmãs, Tania Kaufmann e Elisa Lispector, durante os primeiros anos de seu casamento, entre 1944 e 1959, acompanhando o marido, o diplomata Maury Gurgel Valente, em suas missões no exterior.

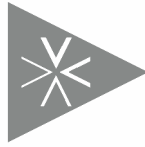
Os laços de família vencem a distância e se estreitam quando Clarice, mais que descrever seu cotidiano no exterior, compartilhou com as irmãs o afeto pelos compositores que ouviu, pelos autores que leu, pela gente que conheceu.

MAHFOUZ, Naguib. **Miramar**. Traduzido por Safa Abou-Chahla Jubran. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2003. 236 p. (Outras palavras).

O cenário deste romance, "Miramar", é a cidade de Alexandria no início dos anos 1960, onde seis personagens, todos exilados pelas circunstâncias, encontram-se naquele que fôra um hotel refinado e que agora é a pobre e decadente Pensão Miramar, administrada pela envelhecida proprietária e uma jovem ajudante. A figura central é a ajudante Zohra, uma bonita camponesa cujas relações com os outros cinco personagens refletem a realidade social e política do período e as transformações da sociedade egípcia em seguida à revolução de 1952. Uma das mais líricas narrativas de Mahfuz, "Miramar" é um olhar interior na velha Alexandria, cidade mítica que assombra e encanta milhares de egípcios das cidades e das aldeias de todos os quadrantes do país.

TAMMET, Daniel. **Nascido em um dia azul**: por dentro da mente de um autista extraordinário. Traduzido por Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007. 192 p.

Livro de memórias, que revela a maneira de pensar de um autista fenomenal. Daniel Tammet é considerado por cientistas uma das chaves para compreender o funcionamento da mente. Gênio da matemática, campeão de xadrez e recordista na



aprendizagem de idiomas, esse inglês de 27 anos é capaz de aprender línguas estrangeiras em uma semana, ou de memorizar e recitar 22.514 casas decimais do número pi. Mas em "Nascido em um dia azul" o autor relembra sua confusa e dolorosa infância, quando se sentia isolado e limitado pela incapacidade social que marca pessoas como ele - um portador da síndrome de savant e da síndrome de Asperger. Crianças com esses distúrbios têm dificuldades de relacionamento, de compreender frases ou piadas de duplo sentido, de captar nuances emocionais do comportamento humano, ou de dirigir automóveis.

GUTERSON, David. **Neve sobre os cedros**. Traduzido por Celina Cavalcante Falck-Cook. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 400 p.

Em San Piedro, uma ilha de beleza rústica e espetacular na costa noroeste dos Estados Unidos, um pescador nipo-americano é julgado por um assassinato. O ano é 1954, e a sombra da 2ª Guerra Mundial, com sua brutalidade no exterior e o internamento em campos dos descendentes de japoneses nos Estados Unidos, faz sentir sua presença no tribunal.

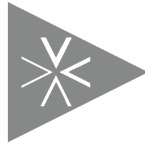
Ishmael Chambers, que perdeu um braço na guerra do Pacífico e agora dirige o jornal da ilha, está entre os jornalistas que cobrem o julgamento. Um julgamento que o coloca novamente próximo a Hatsue Miyomoto, a mulher do acusado e sua inesquecível paixão da juventude.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Niétotchka Niezvânova**. Traduzido por Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2002. 224 p. (Leste).

"Niétotchka Niezvânova" (1849) é um romance único dentro da obra de Dostoiévski e inovador em sua época por prever algumas descobertas da psicanálise. O projeto inicial de Dostoiévski era escrever um grande romance que descrevesse a evolução de uma personagem desde a infância até a maturidade. Contudo, após dez anos de prisão na Sibéria, o autor acabou antecipando a finalização da obra. Niétotchka representa o drama ético da adolescência: a ambigüidade de sentimentos em relação aos pais, o desamparo, as escolhas afetivas que definirão seu destino e a sublimação dos desejos impossíveis.

LE CARRÉ, John. **Nosso jogo**. Traduzido por Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Record, 1996. 360 p.

"Nosso jogo" é um romance de suspense e espionagem que narra uma perseguição surgida dos subterrâneos do serviço secreto britânico que envereda pelo submundo do crime na Rússia e pelos conflitos envolvendo as mais perseguidas minorias étnicas da ex-União Soviética.



SEIXAS, Heloisa (Org.). **As obras-primas que poucos leram**: volume 3: teatro e poesia. Rio de Janeiro: Record, 2006. 430 p.

Teatro e poesia são os temas deste terceiro volume de "As obras-primas que poucos leram", reunindo artigos publicados na revista Manchete entre 1972 e 1977 e escritos por nomes como Otto Maria Carpeaux, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, entre outros.

MAILER, Norman. **Parque dos cervos**. Traduzido por Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2001. 392 p.

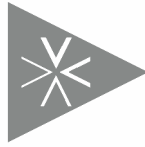
"Parque dos Cervos", publicado em 1957, é ambientado em Desert d'Or - um glamouroso refúgio californiano para onde a elite de Hollywood converge quando precisa se afastar dos sonhos e pesadelos da indústria de filmes: um retiro para estrelas de cinema, lobistas, produtores, amantes, garotas de programas, roteiristas e vigaristas. Em licença médica da força aérea, traumatizado por suas experiências de guerra, Sergius O'Shaughnessy chega a este cenário como um outsider tentando escrever o "grande romance americano". Mas suas desmedidas ambições começam a se perder à medida que ele se envolve com as vidas irresponsáveis de Charles Eitel, um fracassado diretor de cinema; Lulu Meyers, a egocêntrica starlet e o deprimido chefe de estúdio Herman Teppis. Sergius logo fica à vontade com a rotina desestruturante e a perspectiva constante de vazio existencial, nutridas pela cobiça e apelos do circo hollywoodiano.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 246 p.

Inspirada pelo Romanceiro Cigano, de Federico García Lorca, Cecília Meireles usou diversas formas e métricas poéticas para escrever os quase cem poemas que compõem o livro. Por ele desfilam personagens históricos que fizeram parte da Inconfidência, como, obviamente, Tiradentes, Tomás Antônio Gonzaga, Manuel da Costa e Joaquim Silvério entre outros, que, embora não tenham tomado parte direta no episódio histórico, são figuras destacadas na história das Minas Gerais, como Chico Rei e Chica da Silva.

BARICCO, Alessandro. **Seda**. Traduzido por Léo Schlafman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 122 p.

O romance "Seda" é precisamente o que o título sugere: um livro leve e encantador, uma espécie de conto de fada, cheio de simbolismo e sedução. Na verdade ele trata a paixão numa acepção bastante ampla e com muita sensibilidade. A história se desenvolve sobre a trajetória de Hervé Joncour, numa cidade francesa cuja economia floresce, em meados do século XIX, com o incipiente negócio da seda. Nas



viagens que faz ao Japão para comprar o produto, descortina-se para ele um mundo a um tempo arcaico e novo, no qual a estranheza se mistura ao fascínio e à paixão.

PILCHER, Rosamunde. **Setembro**. Traduzido por Angela do Nascimento Machado. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999. 462 p.

"Setembro" trata de personagens de caráter memorável e acima de tudo humanos. O cenário é a Escócia, ambiente nativo de Rosamunde Pilcher. A história começa em maio, com um convite para uma festa em setembro. Setembro é um mês extraordinário na Escócia, quando um verão passageiro, porém glorioso, finda, e o inverno longo e cinza ainda não começou. É uma época de grande agitação, com muitas festas, encontros, hóspedes e danças. Setembro é o mês em que são feitas as propostas de casamento e também quando eles são rompidos, quando até os circunspectos escoceses, londrinos e americanos bebem um pouco mais, dançam até mais tarde, fazem-se promessas, partem-se corações, e segredos de família há muito enterrados são trazidos à baila.

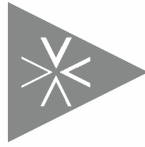
SIMENON, Georges. **Uma sombra na janela**. Traduzido por Raul de Sá Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 176 p. (Simenon Pocket).

Em "Uma sombra na janela", o principal cenário das investigações de Maigret é a célebre Place des Vosges, uma das mais charmosas de Paris. No fundo de um dos prédios que circundam a praça, um rico empresário é morto a tiros quando preparava o pagamento dos funcionários. Maigret logo descobre que a vida desse homem foi profundamente marcada por três mulheres. E essa é apenas uma parte da intrincada rede de relações que o comissário terá de esmiuçar para desvendar por quem e por qual razão o assassinato foi cometido.

ROWLEY, Hazel. **Tête-à-tête**: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre. Traduzido por Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 464 p., il.

Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir viveram um relacionamento pouco convencional que durou 50 anos e se tornaram um dos casais mais célebres da História. É impossível falar de um e não mencionar o outro. A paixão pela filosofia e pela literatura os uniu. Eles desafiaram a moral do seu tempo, vivendo muitos amores, assumindo compromissos públicos na contramão da mentalidade dominante em sua época. Foram reverenciados, mas também criticados e odiados. E escreveram livros que se transformaram em obras-primas. Na biografia "Tête-à-tête" a escritora inglesa Hazel Rowley narra a agitada vida privada do casal existencialista, desde os seus primeiros encontros, em 1929, até a morte de ambos - ele em 1980, ela em 1986.

VARGAS LLOSA, Mario. **Tia Júlia e o escrevinhador**. Traduzido por José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007. 360 p.



Publicado pela primeira vez em 1977, "Tia Julia e o escrevinhador" é uma das obras mais originais de Vargas Llosa. Mesclando humor e romance, com forte fundo autobiográfico, o escritor narra a história de Varguitas, um jovem peruano com ambições literárias que, aos 18 anos, se apaixona por uma tia com quase o dobro da sua idade. Em paralelo a esse amor proibido, numa nostálgica Lima dos anos 50, Varguitas conhece Pedro Camacho, excêntrico autor de radionovelas. Com o desenrolar do livro, as obras de Pedro alcançam um sucesso assustador e Varguitas tem sua relação amorosa descoberta e condenada por sua família. Quando estes dois caminhos se entrecruzam, a vida do rapaz se transforma de uma forma que ele jamais conseguirá esquecer.

HUGO, Victor. **Os trabalhadores do mar**. Traduzido por Machado de Assis. São Paulo: Martin Claret, 2004. 472 p. (A obra-prima de cada autor).

Escrito em 1886, "Os trabalhadores do mar" é considerado por muitos críticos e leitores como a verdadeira obra-prima de Victor Hugo. Ambientada na ilha de Guernesey, no canal da Mancha, para onde o autor se expatriou, o livro narra o embate do homem contra as forças da natureza e o poder avassalador de uma paixão. O enredo entrelaça diversos destinos à trágica sina do marinheiro Gilliatt, que, por amor à bela Déruchette, se empenha em realizar uma missão quase impossível: impedir que um navio a vapor termine no fundo do mar. Líder do romantismo francês, Hugo mostra aqui todo seu talento de prosador, oferecendo uma narrativa empolgante, vívidos retratos psicológicos e uma descrição inesquecível da "velha Normandia, onde vive o nobre e pequeno povo do mar".

MAUGHAM, W. Somerset. **O véu pintado**. Traduzido por Hamilcar Garcia. Rio de Janeiro: Record, 2005. 272 p.

Kitty é a deslumbrante mas superficial esposa do bacteriologista Walter Fane, alocado no protetorado britânico de Hong Kong. Insatisfeita com a vida conjugal, a jovem se apaixona por um diplomata inglês. O caso é descoberto pelo marido, que inicia uma terrível vingança: ele pede transferência para uma região remota da China, onde ocorre um surto de cólera.

Volta ao início